

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVI Volume

Redacção e Administração  
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

20 de Maio de 1913

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 7 — Lisboa

N.º 1238



LUCINDA SIMÕES

(Cliché da Fotografia Londres)

Esteve em festa o Teatro do Ginasio em a noite de 16 do corrente, a festa de Lucinda Simões, a extraordinaria actriz portugueza, que outra não temos de maior valôr.

Nenhuma outra actriz, portugueza ou estrangeira, conhece melhor os segredos e sciencia da sua arte, comprovada em toda a sua longa carreira, quer ao apreciemos como actriz, na criação dos notaveis papeis do teatro moderno, em que alcançou seus maiores triunfos, como na *Dalila*, *Demi-monde*, *Madame Sans-Gêne*, etc., quer em ensaiadora e directora de scena, empregando toda a sua vasta illustração e cuidados para que não falte o mais insignificante detalhe nos *mise-en-scènes*, o que mais uma vez comprovou na direcção do Teatro do Ginasio, que tem realisado uma das

suas epochas mais brilhantes, tanto na escolha de peças, como na forma irreprehensivel por que as tem apresentado a publico.

Não cabe aqui a biografia da gloriosa actriz. A sua individualidade artistica é bem conhecida e apreciada em todo o Portugal, no Brasil, onde fez o melhor da sua carreira e em Espanha, onde foi extraordinariamente aplaudida.

O nosso proposito hoje é o de prestarmos homenagem á grande actriz, que novos triunfos alcançou em a noite da sua festa com a representação da *Avó*, original em 1 acto do sr. Vasco Alves e *Os recursos de Ladino*, farsa adaptada do falecido conde de Farrobo, tendo tambem representado o 3.º acto da *Conspiradora*, que é mais uma corôa de Lucinda Simões.



## CRONICA OCCIDENTAL

Dia a dia, as gazetas nos anunciam os entusiasticos preparativos da festa grandiosa que vai realizar-se nos principios do mês de junho. Os benemeritos promotores trabalham, activamente, incansavelmente, na realisação do programa que organisaram, e, segundo ouvimos, essa festa deixará no espirito dos turistas e concorrentes recordações indeleveis e gratissimas.

Oxalá! Oxalá!

Temos os olhos enlevados na paisagem formosissima da Nossa-Terra, na expressão infinitamente suave do nosso ceu, na apoteose gloriosa do nosso sol peninsular e por isso jamais nos cansamos de enaltecer-lhes as belezas e recordar com delicia e nostalgia as horas breves e inefaveis que decorrem para a nossa alma em contemplação. Os estrangeiros que nos visitam, podem acaso desentranhar-se em improperios contra a indole do português; — mas ficam sempre embevecidos e extaticos ante o panorama lindo que Portugal desenrola aos seus olhos surpresos. E quantos deles, uma vez, não ambicionaram para as suas patrias, como estancia de recreio, este sagrado rincão do ocidente!

As nossas provincias — todas elas — timbram em revelar á simpatia do turista maravilhas ineditas e preciosissimas.

Mas o maior defeito de que se póde, com razão, acusar este povo bondoso e humilde e heroico de Portugal que o velho cronista dizia «amavioso e terno», é não conhecer ele proprio o bem preciosissimo que o seu solo e clima e paisagem encerram. Habitado a maldizer-se e desprezar-se e abrir bôcas de espanto e gula para as mesquinhas das estranhas, pasma e com ironia desconfia de quem lhe aponte num gesto de admiração as belezas que os seus olhos não souberam descobrir.

Por vezes, um religioso artista, em peregrinação, alonga indefinidamente, comovidamente, o olhar pela vastidão encantadora e paradisiaca e murmura em modos de reza, erguendo as mãos: — «Avê Terra, cheia de graça, bendita entre todas as terras do Mundo...» E o portuguezinho ingenuo encara-o, interrompe-o nas suas meditações e alevanta no seu caminho uma poeira rasteirinha de irrisão.

Portugal é assim uma especie de Eldorado...

Se no seu seio ha riqueza — necessario se torna que o estrangeiro nol-a indique!

Todavia — digamos sempre — se o estrangeiro nol a indica, é forçoso que nela

acreditemos e, emfim, a reconheçamos. — Quando?

Disto convencidos, benemeritos não se têm poupado a esforços para atrair a Portugal a curiosidade simpatica dos estrangeiros. A excursão dos jornalistas ingleses realizada ainda não ha muito tempo por iniciativa da Associação de Propaganda de Portugal optimos efeitos produziu. Pelo testemunho imparcial dos estrangeiros, nós aprendemos a utilizar-nos as nossas qualidades proveitosas, a atenuar os nossos defeitos e a evitar deste modo erros lamentaveis.

Ainda sentimos bem viva a impressão que nos deixou no espirito a passagem de Mascaraud por esta cidade. As palavras de carinho e generosidade que dirigiu a Portugal ecôam aos nossos ouvi-



COLISEU DOS RECREIOS — JUDGE DA COSTA NO «TANHAUSER»

dos gratissimamente e bem nos compensam dos rudes ataques de que temos sido vitimas, nos ultimos tempos.

Portugal só tem a lucrar com a affluencia de turistas estrangeiros. E por isso é digna de todo o aplauso a ideia dos promotores da grande festa da cidade de Lisboa, que se realisa de oito a quinze do mês de Junho.

Lá fóra, é deste modo que as grandes cidades aumentam as suas fontes de receita.

E' vêr como essa Suissa, economica e aproveitadinha, conseguiu alevantar-se da humilde chá em que vegetava, num caminho de progresso e prosperidade. Na verdade, não promoveu festas de estrondo, nem organisou programas de jogos desportivos. Fez melhor.

Lentamente, obscuramente, tenazmente, foi traçando melhoramentos. Planeou alicerces solidos. Construiu hoteis sobre os seus montes. E iluminou intensamente a jorro electrico as suas alturas. Calcula sabiamente o equilibrio das receitas e despezas. De tal modo que o estrangeiro, enjoado das comodidades que ali fruiu, costuma dizer que em todo o verdadeiro suizo existe sempre, vigilante e

inconfundivel, a alma dum *maitre-d'hôtel*. De tal modo que deu razão a esse impressionante observador que é Alphonse Daudet, para disparar ao peito do famoso Tartarin as *boutades* do taraconesco guia do Rigi-Kulm. Dir-se-ia que a Suissa é uma paisagem artificiosa, de montes postiços e alçapões de encomenda, para armar á generosidade papalva do estrangeiro.

Ora, Portugal reconheceu já a necessidade de sacudir de sobre os hombros o letargo que o acabrunha. E se não póde desde já deitar mãos á obra dos seus mais urgentes melhoramentos — como sejam, construcção de estradas, portos de abrigo, e as tão faladas irrigações no Alemtejo — ao menos, procura remediar o seu mal, do melhor modo que no momento possa.

O programa geral organizado pela comissão das festas da cidade é deveras atraente.

Cortejos. Exposições. Apoteose a Camões. Batalha de flôres. Jogos Florais. Concursos de ornamentações e filarmônicas. Iluminações. Bailes e cantares...

Efectuado o belo programa, na integra, e com o brilho que é licito esperar da intelligencia e zelo dos promotores da Festa — os forasteiros que em chusma acorrem, hão de levar no coração a saudade desses dias decorridos em diversão e folguêdo nesta linda e acolhedora cidade.

\*

De visita á nossa capital, tem recebido as mais carinhosas manifestações de apreço e admiração e estima, a illustre familia brazileira, o sr. Filinto d'Almeida e esposa sr.<sup>a</sup> D. Julia Lopes d'Almeida e filhos.

Os Homens de Letras portuguezes ofereceram-lhes no Avenida Palace, um banquete de saudação e homenagem. E tambem o sr. dr. Virgilio Machado organisou, na sua *vila* Santa Theresa, ao Lumiar, um delicioso GARDEN PARTY, em honra desta gloriosa familia, á qual, o prendem laços de amizade e parentesco.

Todos os encomios, na verdade, justissimos, que neste momento queimasse-mos por nossos illustres hospedes, não poderiam significar o grande preito de admiração e consideração que lhes consagramos. E' que vemos que para eles, a Arte é como uma lampada sacra erguida no santuario do Lar. Deante dela, ajoelham, identificados numa afeição mística, exaltados no mesmo ideal purissimo de crença.

Desde o chefe de familia — o sr. Filinto d'Almeida, poeta distintissimo, e sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Julia Lopes d'Almeida, a altissima escritora, de merito incontestavel e incontestado e filho mais velho sr. Afonso Lopes d'Almeida, poeta de ins-

piração delicada e ardente, até ao filho mais novo que se revela como um caricaturista, cheio de inspiração e irresistível graça — todos comungam no sagrado amor da Beleza e do Pensamento.

Tivemos o espiritualíssimo prazer de ouvir na *Gioconda* e *Tannhauser* o excelente soprano dramático, a notabilíssima cantora portuguesa — Judice da Costa — que trabalha agora no Coliseu dos Recreios. A manifestação de aplauso — quasi apoteose — que a numerosa assistência lhe dispensou foi grandiosa e foi justíssima.

Foi uma consagração merecida dos seus incontestáveis talentos.

Como os jornais vinham ha tempos anunciando, chegou a Portugal a celebre actriz Italia Vitaliani.

Todos se lembram ainda do entusiasmo que lavrou nos animos, quando ha anos ella aqui fez *étape*, numa das suas gloriosas divagações artisticas. Em Lisboa, conta ella decididos admiradores da sua arte.

As noites que ella está enchendo de luz no Theatro da Republica, radiarão recordações consoladoras nas almas dos Tristes que por aqui passeiam tedio e desalento.

ANTONIO COBEIRA.



## PELO MUNDO FÓRA

Aquelle degenerado *Skinas*, que assassinou o rei Jorge da Grecia, entendeu por bem liquidar a sua situação, atirando-se d'uma janella do gabinete do juiz d'instrucção, em Salónica, no momento em que ia dar explicações do acto abominavel que havia praticado. A sua morte foi instantanea.

Como estamos em maré de attentados, registamos mais uma tentativa de que escapou o *Grão-Duque de Baden*, em *Mannheim*, quando atravessava, de carruagem, a praça em frente da *gare*. Um anarchista confesso — *Anton Jung*, saltou para o estribo, deligenciando ferir o grão-duque com uma faca, que occultava na manga do casaco. O monarcha, porém, não perdeu o sangue frio e, num movimento rapido, livrou-se da ira do assassino que, segundo declarou, havia premeditado o nefando crime.

O presidente da *Republica do Haiti*, o general *Tancredo Augusto*, que foi eleito em agosto do anno passado, falleceu em *Port au Prince*, com 57 annos. Foi o successor, como aqui dissemos, do presidente *Cincinnatus Leconte*, victima do incendio do palacio presidencial. *Tancredo Augusto* manifestou no seu curto governo idéas liberaes e progressivas, como era d'esperar d'um homem que havia viajado muito pela Europa e pela America. Foi o 23.º chefe d'estado da Republica do Haiti. Quasi todos os seus



TEATRO DA REPUBLICA — ITALIA VITALIANE

antecessores morreram tragicamente nas revoluções de que foi theatro aquella republica.

Parecia que o seu governo iniciára uma época de paz, mas a tempestade estoitou logo no dia do seu enterro, em que houve serias escaramuças, com fusilaria geral em *Port au Prince*. Não parece, pois, muito risonho o futuro do novo presidente, o senador *Oreste*.

A acção das suffragistas inglesas vae-se desenhando numa verdadeira propaganda pelo facto, contra a qual a justiça se tem conservado em attitudo demasiado benevola. Esta campanha, que se pôde bem egualar ás mais subversivas doutrinas anarchistas, revela uma verdadeira loucura collectiva, que pôde attingir graves proporções. As suffragistas redobraram de violencia, porque viram mallograda a esperanza de conquistarem o voto. A *camara dos communs* regeitou o projecto eleitoral, que concedia o voto a seis milhões de mulheres, conforme a proposta de *Dickinson*. O governo estava dividido. *Asquith* combatia o projecto, e *Grey* defendia-o.

O facto é que a Inglaterra não está disposta a ceder perante a obstinação

das damas do suffragio, as quaes pela sua conducta dão provas da insufficiencia da sua capacidade politica, pela destruição da propriedade, de animaes e, quem sabe, das proprias pessoas, se não se puzer cobro aos desmandos das irriquetas creaturas.

Ha poucos dias incendiaram a egreja de *Santa Catharina*, em *Hatcham*. Era um dos mais bellos monumentos religiosos de *Londres*. A *Cathedral de S. Paulo* foi tambem visada com uma bomba que não chegou a explodir. Na sua vingança atroz, a *miss Suffragette* já se atreveu a envenenar um *tóto* de raça chinésa, pertencente a *miss Cross Egham*, e que estava avaliado em dez contos de réis! Esse soberbo animal havia ganho o primeiro premio numa exposiçáo. «*Deixame votar, ou mato o teu cão, ou o teu cavallo de corridas.*» Eis a ameaça das endemoninhadas suffragistas, que, por este andar, não tardarão em pôr em risco as vidas dos seus considadãos.

Já ha quarenta annos ellas trabalharam para alcançarem esse direito que agora mais uma vez lhes foi negado. Di-lo o *Diario de Noticias*, naquella sua interessante secção, datada de 13 de maio de 1873: — «Prosegue em Inglaterra o movimento a favor da emancipação. As filhas de *Eva* ali, já professam as sciencias, e querem agora metter-se na politica, e pedem para ter voto nas eleições e direito para representarem o paiz nas camaras. O chefe do movimento não é porém nenhuma dama, como se poderia suppôr: é um velho barbaças, chamado *Jacobo Brigli*. Teem sido curiosos os debates que sobre

o assumpto se estão celebrando no club de *Berner's Street*. Veremos em que param as modas!»

Agora contam com o apoio do proprio presidente do ministerio, mas a nação é que não lhes reconhece por enquanto a competencia para tão especiaes funcções. O antigo deputado *Lansbury*, que estava á frente das reivindicações feministas, foi condemnado a abster-se de discursar em prol das suffragistas durante um anno, depositando dez contos como garantia da sua boa conducta. Negando-se a cumprir a pêne, foi então condemnado a tres meses de prisão.

Não sabemos se seguirá o exemplo da sr.<sup>a</sup> *Pankhurst*, que, tendo se negado a tomar qualquer alimento na prisão, cahiu em tal fraqueza que a justiça se resolveu a pô-la em liberdade com a condição de estar quieta.

Mais alto que as suffragistas se ergue o nome de *Elizabeth Barrett*, fallecida em 1861 e que deixou obras de raro merecimento, cujos manuscriptos foram agora disputados num memoravel leilão, que só num dia produziu 15:514 libras.

Desses manuscriptos, conhecidos pelo nome de *Browning*, appellido do escri-

ptor a quem E. Barrett se ligou pelos laços do matrimonio, destacaram-se as inconfundíveis *Love Letters* (cartas d'amor), vendidas por 6.550 libras, sendo 284 cartas de *Robert Browning* e 287 de *Elizabeth Barrett*. O segundo manuscrito continha 43 *Sonnets from the Portuguese* vendidos por 1.150 libras. Ainda outro manuscrito que muito nos interessa e devido á pena de Mrs. E. Browning — *Catharina to Camoens* — ali foi disputado por alto preço.

Uma carta de Mrs. Browning a Napoleão III, pedindo perdão para Victor Hugo, foi vendida por 22 libras e meia.

Deveras significativa e de grande efeito foi a viagem realizada por Affonso XIII a Paris, como inicio d'uma nova era para as relações franco-espanholas, que tem passado por phases difficeis, em consequencia das negociações marroquinas, complicadas pela *viagem de Guilherme II a Tanger*, pelas *crises d'Algesiras e d'Agadir*, a *ocupação da Chania* e os accordos franco-allemaes de 1909 e 1911. A França e a Espanha, pelo accordo de 27 de Novembro ultimo, fixaram os limites da sua occupação em Marrocos, respeitando tanto quanto possível o principio da independencia das suas espheras d'acção.

Apoz o attentado que poz á prova a denodada coragem do rei Affonso XIII, a Espanha sentiu-se dynamizada por uma intensa corrente que mais e mais firma no throno o seu popularissimo soberano, em quem se incarna o heroico espirito do *Cid*.

A viagem á capital da França impunha-se. Lá estava de braços abertos o

sorridente e sympathico *Poincaré*, que pela vez primeira na sua presidencia ia ter por hospede um soberano. Engalanou-se Paris para receber o monarcha espanhol. *Viva o rei! Viva Poincaré!* Estrugem por toda a parte as aclamações.

Nos *toasts do Elyseu* o rei de Espanha e o Presidente da Republica Francêsa põem em evidencia as relações de amizade e a solidariedade dos interesses das duas nações latinas.

O senador *Gervais* disse que nada impede que essas relações venham a tornar-se mais estreitas, por possiveis combinações politicas, e lembrou que em 1907 *Pichon* assignou com a Espanha um protocollo, *doublé* d'um protocollo anglo espanhol identico, relativo ás possessões dos dois paizes no Mediterraneo occidental e no Atlantico oriental. Acrescentou que tanto para a França como para a Inglaterra seria vantajosa uma solidariedade mais estreita com a Espanha sob o ponto de vista militar e rural...

A *Correspondencia de España* dá a entender que lhe agrada essa idéa. O *Temps* diz que é um voto que não pôde deixar de ser altamente apreciado pela França.

Entretanto a Espanha impõe-se pelo augmento das suas forças. No Ferrol é lançado ao mar o *couraçado Alfonso XIII*.

Ao mesmo tempo que Affonso XIII é aclamado em Paris, a capital espanhola recebe e festeja *Paul Hervieu*, o illustre escriptor francês que *Brunetière* proclamou o *mestre incontestado da tragedia moderna*. *Hervieu* foi cordialmente felicitado por *Jacinto Benavente*, um dos mais lidimos representantes da litteratura dramatica espanhola. Esta manifestação litteraria, a seguir á inauguração

do *Instituto Francês de Madrid*, vem auxiliar a obra diplomatica.

O mesmo poderemos dizer da inauguração do *Instituto Francês de Londres* sob o patrocínio da *Universidade de Lille*.

16 — 5 — 913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



## Madrugada

Passei, era cedinho, em fria madrugada,  
E vi que a tua porta estava inda fechada:  
Olhei, mas por olhar. Os vidros da janella  
Velavam n'um eclipse a luz da minha estrella.  
Baldado emprego ao meu olhar primeiro!  
E puz-me a meditar...

A' porta do quinteiro

Gane em surdina um cão, chamando o dono,  
Par'cendo cuidadoso em não quebrar-te o somno.  
A dois passos o mar, rolando as soltas vagas,  
Espadanava a espuma a resvalar das fragas,  
E como que a accordar em sonoros bocejos  
Todo se espreguiçava em ruidos de beijos.  
Em cima a aragem fresca, leve, e sem descanso  
Tremia a balouçar-se no pinheiro manso,  
Qu'ensombra teu cazal ao sol do meio dia.  
Quedei-me a escutar, a ver se dentro ouvia  
Esse fio de voz suave e cristalino,  
Com que em tua alma entôa a mocidade um hymno,  
Pleno silencio em casa... fóra não se ouvia  
Anunciando a manhã, a alegre cotovia.  
Não teve estrella d'alva a minha madrugada.  
Descida era a vidraça, a porta era cerrada,  
Ai que mortal sozeiro!... E nem signal de vida?  
Eu não podia crer-te assim adormecida.  
Vou espreitar a fresta n'um recanto aberta,  
Entrava o sol nascente. A casa era deserta!  
De fochino entre as mãos, o cão, só pede osso,  
Guarda portão fiel, gania pelo almoço.

Figueira da Foz.

NEMO.

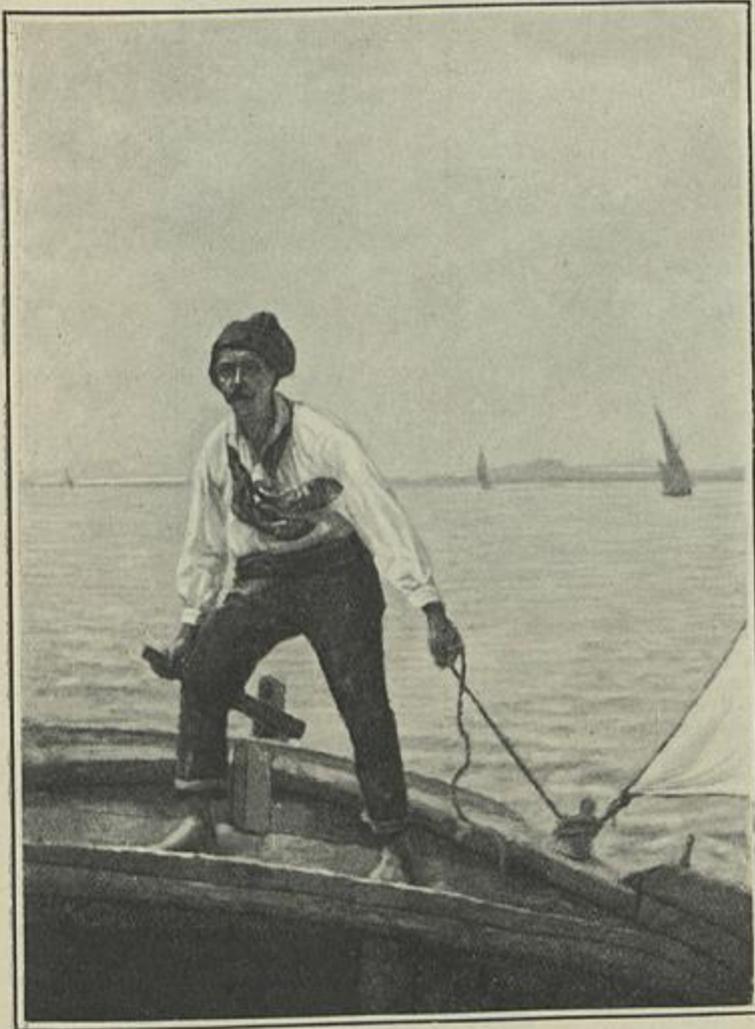
Nada agrava, mais a pobreza, que a mania de querer parecer rico.



«MATINÉE» MUSICAL EM CASA DE M.<sup>ME</sup> PENCHI

(Cliché Alberto Lima)

São sempre de grande elegancia as *matinées* em casa de M.<sup>ME</sup> Penchi, como ainda na ultima semana se realisou uma, em que tomaram parte alguns dos seus discipulos, distinguindo-se vantajosamente a sr.<sup>a</sup> D. Alice Fonseca, suprano ligeiro e o sr. Jayme Krusse Gomes, um belo baritono.

10.<sup>a</sup> Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

O HOMEM DO LEME — Quadro de João Vaz



PERDIDA — Quadro de Simão da Veiga

Inaugurando o seu novo edificio, na rua Barata Salgueiro, abriu a Sociedade Nacional de Belas Artes a sua exposição anual.

Foi o acontecimento mais palpitante da ultima semana, que promete interessar Lisboa por alguns dias, a julgar pela affluencia do publico que concorreu á inauguração e que justamente se entusiasmou com a profusão e belesa dos trabalhos expostos.

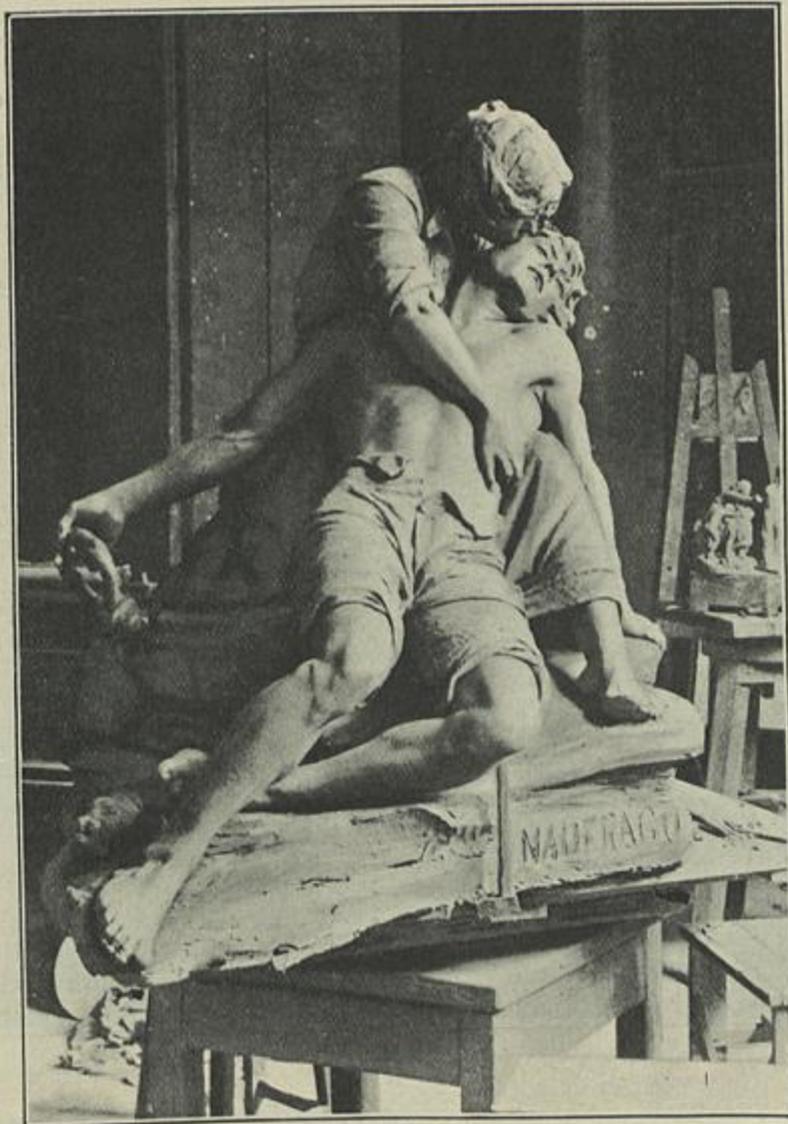
Para maior realce da festa, predominava a concorrência de senhoras, que são sempre a animação destas reuniões, a nota mais festiva.

A entrada do edificio foi recebido o sr. Dr. Manoel de Arriaga, pela direcção da Sociedade e srs. Costa Motta, Adães Bermudes, Rozendo Carvalheira, Bemvindo Ceia, Alves Cardoso, David de Mello, etc.

A inauguração, realisada com toda a solenidade, presidiu Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente Dr. Manuel de Arriaga, acompanhado por seu secretario particular, ministro da justiça e pelo chefe de gabinete da presidencia do ministerio, para e que foi armado, no atrio ajardinado, um estrado com bufete e cadeiras.

Ali o sr. Adães Bermudes, em nome da Sociedade, agradeceu a Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente a sua presença aquelle acto e discursou sobre a influencia das Belas-Artes nas sociedades pois são, o grande elemento civilizador dos povos e a inicial dos seus progressos e riqueza. Referindo-se á inauguração do edificio da Sociedade Nacional de Belas-Artes, ele representava, apesar de modesto, um grande avanço na Arte portugueza e, seguramente, seria o inicio de prosperidades futuras de riqueza material, como já era prova de riqueza moral.

Aproveitava o momento para lembrar ao governo da Republica a necessidade de ampliar a reforma



O NAUFRAGO — Escultura de Simões d'Almeida (Sob.)

encetada na educação artistica que devia produzir seus efeitos beneficos, legislando ainda no sentido de protecção e incitamento aos artistas, e na criação do ministerio de instrução publica, que deve merecer todos os cuidados do Estado, como fonte de riqueza nacional.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente, agradeceu as palavras que lhe eram dirigidas e elogiou os expositores pelo notavel esforço que representava aquella exposição e que tanto honrava os nossos artistas, felicitando tambem a Sociedade pelo seu novo edificio.

Um magnifico sexteto, que á entrada do sr. Presidente tocara a *Portuguesa*, executou depois alguns trechos de operas de Wagner e Saint-Saens, com excellentes côros de umas quarenta senhoras sob a direcção do sr. Sarty.

Depois, Sua Ex.<sup>a</sup>, acompanhado pela direcção da Sociedade, percorreu os salões examinando e elogiando muitas das obras apresentadas por grande parte de nossos artistas e bastantes amadores, as quaes se elevam ao numero de quinhentas e cinquenta.

De facto, o numero de obras expostas é grande e entre estas encontram-se trabalhos de inquestionavel valor, tanto em pintura e pastel como em escultura e arquitetura, etc., podendo considerar-se esta exposição das mais importantes que se tem realisado, quer pela qualidade quer pela profusão das obras expostas.

Na rapida visita que fizemos a esta exposição, poucas horas antes da nossa revista entrar na maquina, não nos é possivel fazermos apreciações, limitando nos a dizer que a nossa impressão é boa e que um povo que afirma tão levantadamente a vitalidade da sua Arte, está bem longe de ser um povo decadente.

E até ao proximo numero.



ILHA TERCEIRA — A RUA DIREITA, EM ANGRA DO HEROISMO

### Uma jornada á roda da Ilha Terceira

I

SUMÁRIO:—Um agradável convite ao luar.—Narrativa á semelhança das do *Pedro das Dornas*.—A Ilha de S. Miguel ao anoitecer.—Um lindo nascer do sol na Ilha Terceira.—Suaves recordações do Monte Brazil.—Aspectos das ruas de Angra do Heroísmo.—Reunião de bordo de cabras.—Vista da Angra ao longe.—Os sítios das Cabras.—Episódio original do combate da baía da Salga.—O patriotismo dos terceirenses esmagado pelos guerreiros bespanhoses.—Um excelente almoço em Porto Martins.—Aspectos grandiosos de costa e mar.

—Então fica combinado? d'aqui a bocado, ás seis horas da manhã, lá estará o trem á porta do hotel, para o nosso estimado collega n'elle entrar e começar-mos assim o passeio em volta da Ilha, de que decerto gostará muito. Durma bem e até logo.

Isto dizia-me ha annos, n'uma das ruas da Angra do Heroísmo, ao despedir nos á sahida de uma soirée musical, com que fóramos obsequiados, um dos delicados professores da escola industrial d'aquella cidade insulana.

Nos sinos da torre da magestosa cathedral acabava de bater gravemente a uma hora da noite, quando afinal parei proximo ao hotel, e para comigo ia dizendo: Como já é tarde! afinal, tenho só quatro horas para repousar entre a soirée e o passeio, preciso aproveitá-las.

Eu estava em vespéras de embarcar para Lisboa e depois de termino um continuo e fatigante trabalho de inquérito á escola *Madeira Pinto* e ás industrias locais, cargo de que na capital officialmente fóra encarregado, os meus estimados collegas srs. Cyriaco da Silva, Alfredo de Campos e Alvaro de Menezes, desejando que ficássemos com boas impressões da sua linda Terceira, tinham organizado a festa musical e

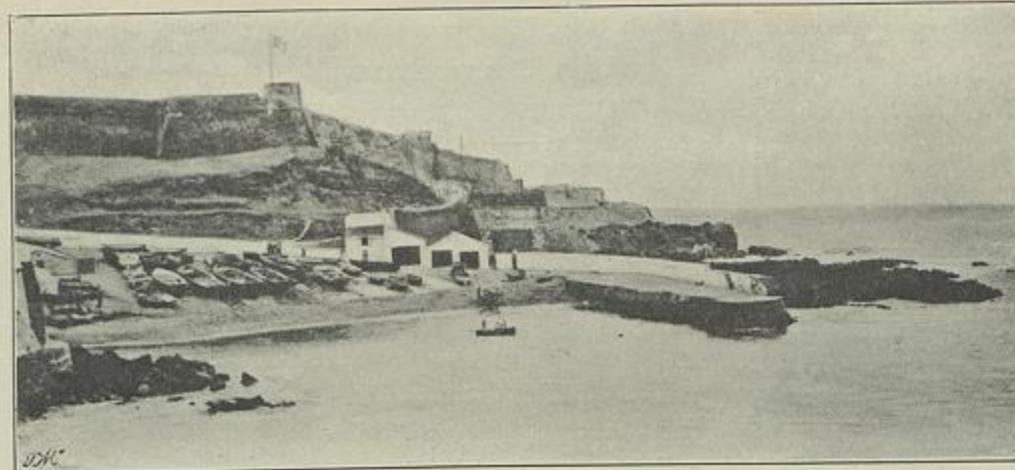
uma digressão em torno da Ilha em nossa honra.

A noite estava de luar, ao fundo da larga e estensa rua, via um trecho do immenso mar, todo palhetado de prata e a um lado um pedaço do imponente Monte Brazil, destacando-se em negro na palida claridade da atmosfera.

O Monte Brazil! que deliciosa recordação d'elle tenho.

Vou desde já prevenir o raro leitor, que tenha a pachorra de ler este desprezencioso artigo, que esta variada narrativa irá feita á guisa das cenegeéticas conversas do *Pedro das Dornas*, n'um nunca acabar de desvios e episódios, entrecalados pelo discurso principal, de que procuraremos não perder o fio, como o mesmo fazia aquella interessante personagem do romance das *Pupilas do Senhor Reitor* do famoso Julio Diniz e que o leitor decerto belamente deve conhecer.

— Isto vinha a proposito?... ah, já seil a pro-



ILHA TERCEIRA — CASTELLO DE S. SEBASTIÃO E CAES DO PORTO DE PIPAS

posito da bela recordação, que nos despertára a silhueta do Monte Brazil e em quanto me preparava para repousar no aposento do hotel iam prepassando-me pela mente essas agradáveis lembranças.

Fôra alguns dias antes; partira-mos do porto de Ponta Delgada pelo fim de uma tarde ventosa e carregada de nuvens e eu viera no tombadilho do paquete, observando a baixa costa, cheia de estratificações em alinhamentos quasi horizontaes; via-a muito arida e coroadada de montes longinquos cheios de mato, contrastando com o feérico panorâma da alterosa costa desde o Nordeste a Villa Franca do Campo, n'um continuo prepassar de formidaveis e risonhas paysagens alpestres.

Escurecera o dia, o *Funchal* balouçava fortemente nas ondas agitadas, agora a ilha de S. Miguel d'aquelle lado occidental; á distancia, semelhava á nossa vista uns negros e sinistros enormes cachopos amontoados no mar escurecido, luzindo ao rez da agua o ponto luminoso d'um pharol.

Anoitecera de todo, tudo era negro, ceu e mar, o

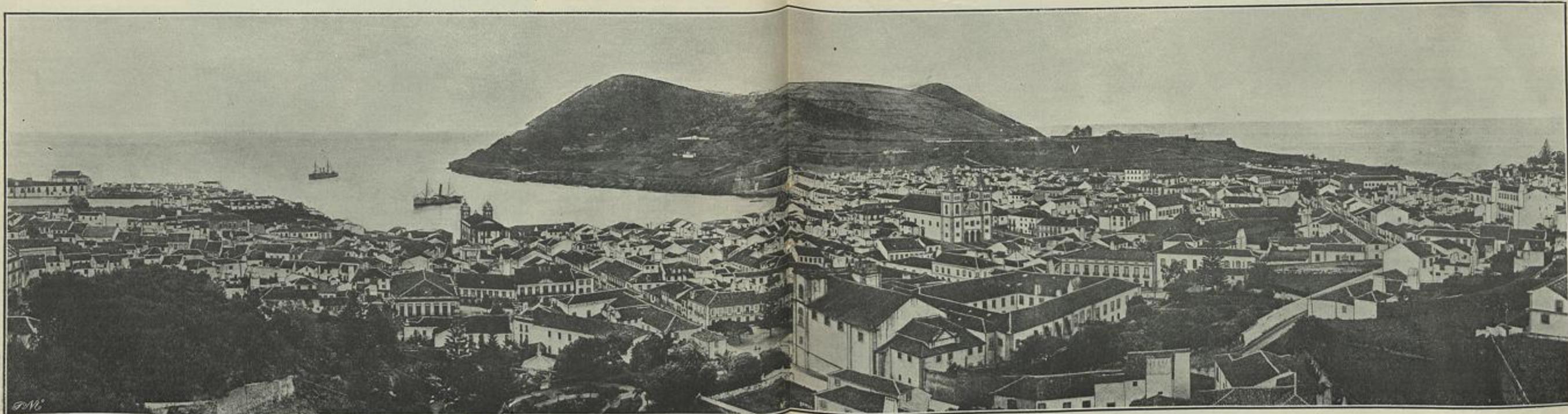
balanço pronunciava-se cada vez mais violento, e assim mal impressionado, recolhi ao beliche aonde dormi algumas horas; em certa altura da noite acordei admirado do silencio e da quietação, notando que o balanço do navio e o estrépido da machina desaparecera; recordei-me então, devia ter o paquete fundeado já na Angra do Heroísmo e como pela vigia entrava o clarear da madrugada, decidi-me a subir.

Apromptei-me rapidamente e d'alli a pouco esfregando os olhos estava no convex; o Sol estava prestes a nascer, via-se para o oriente do lado do Oceano, por entre algumas algodoadas nuvens, grandes traços luminosos irradiantes, como estradas de luz, que se alongavam pelo ceu, annunciando a aproximação do astro rei, n'uma apoteose.

A cidade via-se relativamente perto, envolta em alvos farrapos de nevoeiro, estendendo a sua casaria pelos montes proximos até ao forte de S. Sebastião; á esquerda do *Funchal* já fundeado e quasi immovel, elevava-se uma enorme e curiosa colina toda arborizada e já alumada no alto pelos primeiros raios de luz solar.

Notei então um efeito encantador; de todo aquele enorme macisso, sobressahindo ao marulho das ondas, desfaldando-se pela base das penedias, ouvia um côro musical de uma agudeza e suavidade de som arrebatador, de um encanto supremo; eram milhares e milhares de ávesinhas, que nos ramos e em seus ninhos da mata do Monte Brazil, saudavam o sol nascente. Todo aquele alteroso monte soava como uma harpa gigantesca, n'um timbre argentino de uma rara delicadeza, n'um grandioso e sublime accordo de infinitos gorgeios, a que o mar dava a nota grave do acompanhamento, que nem Beethoven, nem Wagner, com toda a sua inspiração e sciencia musical conseguiriam reproduzir.

Assim estive enlevado por muitos minutos, encantado com a audição, que aquele nascer do sol me proporcionou; depois o astro ascendeu acima do mar, tocando tudo com a sua dourada luz, o côro dos passarinhos foi esmorecendo, até que a sublime saudação de todo se extinguiu, ficando só a ouvir-se o eterno sussurro do Oceano. Com esta deliciosa recordação de todo tinha adorme-



V Castello de S. João

ILHA TERCEIRA — VISTA GERAL DE ANGRA DO HEROISMO, VENDO-SE AO FUNDO O MONTE BRASIL COM O CASTELO DE S. JOÃO, PARA ONDE FORAM PRESOS OS IMPLICADOS NA INSURREIÇÃO DE 27 DE ABRIL — Fotografia enviada pelo sr. Ciriaco Tavares da Silva

## ROMANCE

Victor Debay

## Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,  
por Alfredo Pinto (Sacavem).)

## Primeira parte

## II

## NOCTURNO A DUAS VOZES

(Continuado do numero antecedente)

cido no meu aposento. Como já ficou dito, pouco tempo podíamos repousar e, assim, pela manhã cedo, estava já a pé a apromptar-me, quando um trem puchado a tres cavalos veio postar se á porta do hotel.

Era este situado na Rua Direita, e d'esta vez contra o que acontece na maioria das cidades de Portugal, em que a rua direira da localidade, (nome que raro deixa de haver), é sempre a mais cheia de torcicolos, esta da Angra era larga e alinhada.

E' mesmo esta a caracteristica da parte central da Angra do Heroismo, com as suas ruas rectilineas dispostas em angulos rectos, lembrando a Baixa de Lisboa, embora pelos beirões dos telhados, muito salientes, façam lembrar as construções também o Porto, o que não admira por ser do norte a primitiva colonia.

E' nestes arruamentos que existem os melhores e mais bem sortidos estabelecimentos commerciaes, assim como as varias oficinas, minervas, marcenarias, relojarias, etc.; n'um d'esses arruamentos porém, paralelo ao mar, a antiga Rua do Gallo, hoje da Republica e que vae subindo a encosta em varias curvas, existe ali a especialidade da fabricação do mobiliário barato, de madeira avivada a escarlate, produzido em numerosas pequenas officinas, a qual tem um enorme consumo entre os camponeses d'esta e d'outras ilhas açorianas.

Varios amplos edificios, e templos, como o Governo Civil, a Camara Municipal, a Sé, a Misericordia, S. Francisco, avultam entre outros, dando a nota da saliente ostentação, que uma cidade precisa ter.

A' hora aprazada juntaram-se-nos os colegas, que já tinham disposto no trem varios cestos com as vitualhas, por eles escolhidas, para tão largo passeio; a seguir depois dava-se principio á excursão, sahindo de Angra pelo lado de leste, para assim percorrer-mos em tórno a formosa Ilha Terceira, a terceira ilha descoberta por Frei Gonçalo Velho Cabral, como é sabido, e começada a povoar em 1451 por Jácome de Bruges, fidalgo flamengo e cavalleiro do imortal Infante D. Henrique.

Numeroso agrupamento de mulheres do campo, umas com seus trajes garridos, outras com o tradicional manto ou biôco pela cabeça, encontramos paradas quasi ao extremo da cidade.

(Continúa.)

J. RIBEIRO CHRISTINO.



## O Castelo de Angra

Para onde foram presos os implicados na insurreição de 27 de abril

Mais uma pagina triste ha a juntar á historia do Castelo de Angra, hoje denominado de S. João e que primeiro se chamou de S. Filipe, em razão de ter sido mandado construir, no Monte Brasil, por Filipe II de Castela e primeiro de Portugal durante a usurpação.

Se tristemente celebre já esta fortaleza seria, por ser obra de um rei estrangeiro dominando em Portugal, seu mau fado se foi confirmando com os tempos, pois poucos anos decorridos da fundação, servia para encarcerar desterrado o infeliz rei D. Afonso VI, vitima das intrigas movidas por sua mulher, D. Maria Francisca de Saboya, que o repudiou, para casar com o cunhado, infante D. Pedro, que se fez aclamar rei. (1)

Presos politicos no tempo da guerra de D. Pedro e D. Miguel por ali passaram, e em nossos dias, para o Castelo de Angra foi desterrado o grande potentado dos vátuas, o rei Gungunhana com seu filho Godide e os regulos Molungo e Zixaxa, que lá morreram de saudades do seu país, privados das mulheres e da liberdade.

Hoje renova-se a triste historia do Castelo de Angra, servindo de prisão aos implicados nos acontecimentos de 27 de abril, que para lá partiram, na madrugada de 3 do corrente, a bordo do paquete *Cabo Verde*, que ali chegou no dia 7.

O Castelo de Angra, que é uma boa fortaleza, inacessivel em quasi toda a volta, cercado de fossos, estão-lhe agora, pelo que dizem telegramas dali recebidos, aumentando as precauções contra qualquer fuga de presos, gradeando as janelas com grossos varões de ferro.

(1) Vide OCCIDENTE, vgl. xxxiv, pag. 278, n.º 1187, artigo O convento das Francesinhas e a sua fundadora.

Steinbaum olhava para elle largamente, depois fixava o olhar para uma chapa de cobre que elle ia burilando pouco a pouco.

Fombreuse teve um movimento involuntario para olhar para o relógio, Steinbaum bem o comprehendeu.

— Um pouco de paciencia, Fombreuse, e por hoje estará livre. Bem sei que lhe faz um pouco de transtorno, mas que quer? Deixe-me aproveitar este bello dia de sol risonho como a agua das montanhas. Não me responda, olhe que trans-torna a posição; não esteja com esse aspecto tão carregado. Venham, meus filhos, cantem a *alleluia*. Não ha nada como a musica para augmentar a chama que me é necessaria para illuminar aquella phisionomia tão carrancuda! Vamos, um, dois, tres, quatro, eis o compasso. Agora, bellas vozes.

Sua mulher e os filhos olharam para elle, e enquanto elle batia o compasso, começaram a cantar.

Foi uma brincadeira que o joven compositor composera para os seus visinhos e que elle chamara: *Alleluia da santa familia Steinbaum*. O gravador um dia dissera-lhe: «Componha-me qualquer coisa que nós possamos cantar, minha mulher, meus filhos e eu. Não uma coisa muito seria, apenas o bastante para que os pequenos vejam que a musica é uma arte elevada.»

No dia seguinte, Fombreuse levou-lhe um motê á maneira de Palestrina para sopranos, meio sopranos e baixos. As vozes claras de Karl e de Franz possuíam o brilho d'um crystal que fazia salientar o contralto sombrio de Lisbeth, enquanto que a voz de Steinbaum marcava os tempos com a gravidade pesada d'um pedal d'orgão executando o acompanhamento.

— *Alleluia, sol brilhante!*  
*Coração illuminado pelo ceu,*  
*Chamma e origem da vida...*

Este córal, atacado com convicção, enchia o ambiente com um aspecto triste e severo. Recordava o interior d'essas familias antigas, allemans, onde se trabalhava louvando Deus e observando a sua lei. As palavras eram cheias de pantheismo, mas o espirito religioso da raça manifestava-se no mystecismo do rythmo.

A musica produsira o effeito desejado. Fombreuse tornou-se risonho e ficou mais algum tempo sem estar impaciente.

— Eis um bello olhar, disse o gravador deixando o buril e indo ver o modelo para maior distancia. Tem uns olhos luminosos. Ficaremos hoje por aqui, estou contente, o retrato sahirá optimo.

— Deixe-me ver, disse Fombreuse indo para junto do gravador.

Mas Steinbaum pegou na chapa de cobre e affastou-se.

— Quando estiver acabado, por enquanto ainda não.

— Steinbaum, tenho uns certos direitos, estive tão soçado!

— Não, meu amigo, por enquanto nada se pôde avaliar, ha apenas certos detalhes que somente nós poderemos comprehender.

— Não seas assim, Steinbaum, disse Lisbeth, o sr. Fombreuse está mais impaciente que um bebé pelo leite.

— Só as mulheres sabem dizer as coisas, disse Steinbaum com um olhar de bondade, aqui todos são pelo sr., não sou o dono da casa... pois veja, sua criança cheia de mimo...

Collocou a chapa sobre a mesa ao pé de sua mulher, afim de que todos podessem ver; Fombreuse, Karl e Franz ficaram atraz de uma cadeira. O gravador mostrou a chapa de fôrma que todos podessem analysar as sombras e os detalhes do desenho. O retrato estava esplendido em semelhança, e na simplicidade da posição. Steinbaum explicava:

— O mais difficil aqui é o fumo do cigarro a que desejo dar toda a impressão de leveza; as curvas graciosas que elle toma, a parte symbolica do facto.

— Ah! meu caro Steinbaum, disse o compositor, se eu pudesse levantar o veu do mysterio á sua brilhante obra tão pouco conhecida do publico!

— Meu caro Fombreuse, é inutil. Desejo terminar todos os meus trabalhos; ainda me falta uma duzia de chapas para esta serie. Desejo que vejam a minha obra toda em conjuncto. Nem Lisbeth a conhece.

— E' verdade, sr. Mauricio.

— O sr. será dos primeiros eleitos á iniciação. Penso tantas vezes n'isso! Estarei a gastar inutilmente os melhores annos da minha vida?!

— Não se deve enganar, a sua consciencia d'artista lhe dirá tudo. Mas agora reparo eu, ia-me esquecendo das horas...

Despediu-se de Lisbeth e abraçou os pequenos.

Steinbaum conduziu-o até á porta do corredor.

— Até logo Fombreuse, cumprimentos á sr.<sup>a</sup> Le Cozan, qualquer dia lhe levarei a minha Virgem de Dürer. Lisbeth seguiu-os com a vista; quanto Steinbaum voltou para junto da mesa, ella disse-lhe:

— Estou certa, Rodolpho, que tu gostas mais d'elle que dos teus filhos.

— Mais, não Lisbeth. Tanto talvez; mas não da mesma fôrma. Gosto d'elle, como se deve gostar da mocidade quando ella se nos apresenta cheia de enthusiasmo pelas obras que deseja realizar. Está muito parecido, disse o gravador olhando para a chapa de cobre. Está bem a sua phisionomia de jovem heroe que possui no olhar a chamma da intelligencia!

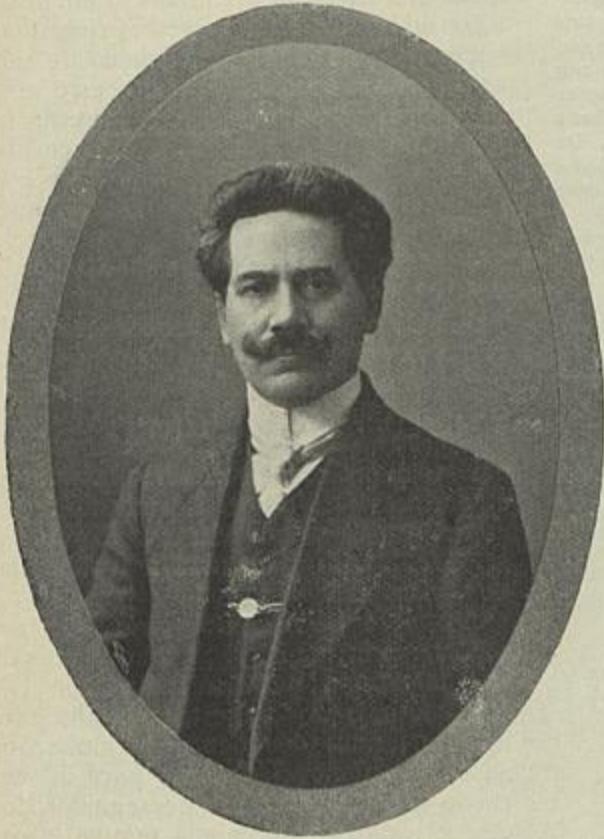
— Sim Rodolpho, elle tem o segredo da sympathia.

— Ha-de encontrar alguém que ame o seu olhar...

Steinbaum não acabou a phrase, Lisbeth retomou o trabalho.

(Continúa.)

## O Novo Edifício da Agência do Banco de Portugal, em Coimbra



ADÃES BERMUDES

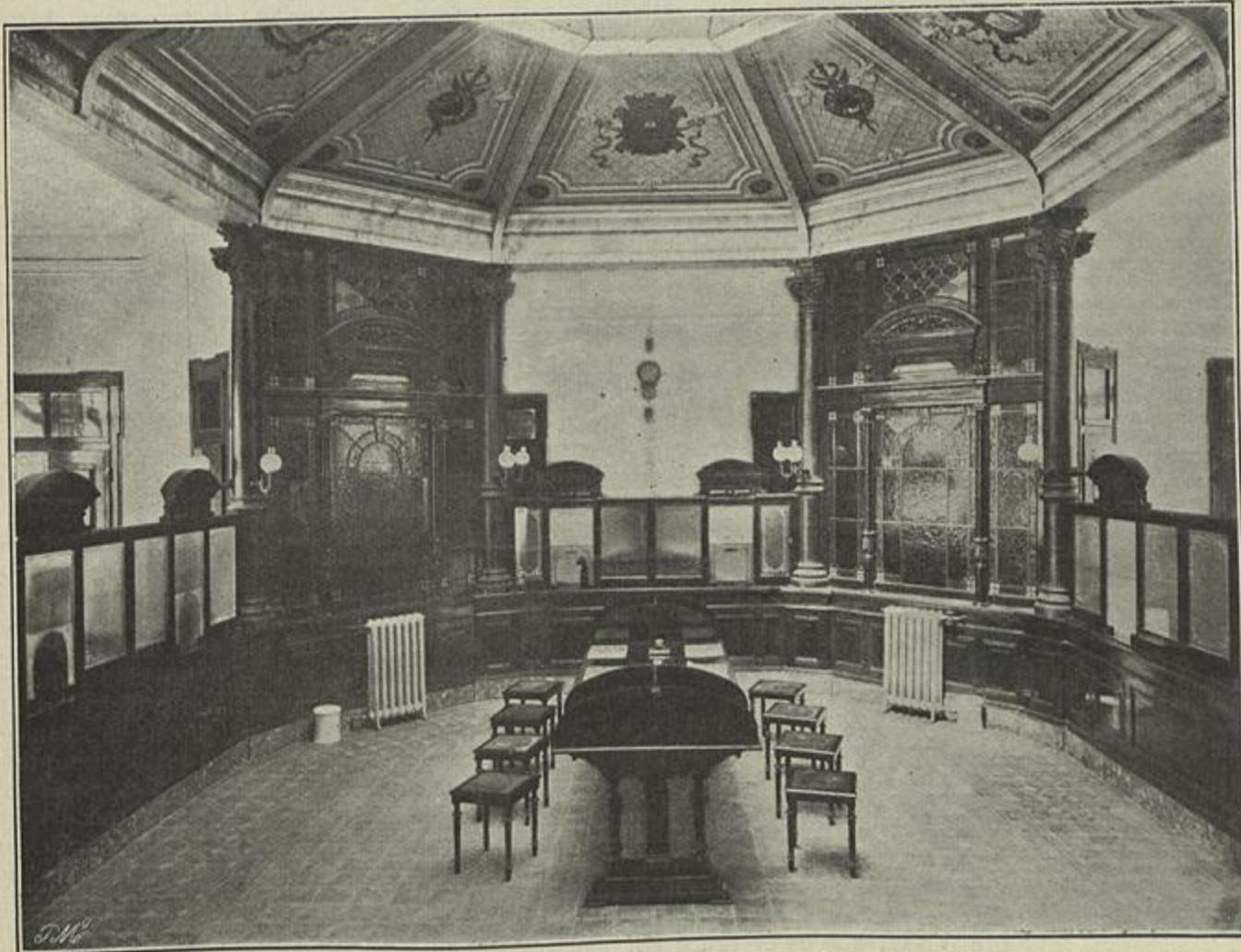
*Arquiteto do novo edificio da Agencia do Banco de Portugal, em Coimbra*

A direcção do Banco de Portugal, no proposito de dotar todas as capitães de distritos com edificios proprios para suas agencias, inaugurou ha pouco, em Coimbra, um desses edificios, digno da linda cidade do Mondego, que ás belezas naturaes da sua colocação, vae acrescentando-se em belezas de arte.

O deliniamento do esplendido edificio, que se levanta



PRESPETIVA EXTERIOR DO EDIFICIO



VISTA DO «HALL» (Clichés do fotografo amator sr. Manoel Palhoto)

no largo Miguel Bombarda, foi confiado ao arquiteto do Banco, sr. Adães Bermudes, artista já notavel por tantas obras de valor e que mais uma vez veio confirmar nesta os excepcionaes dotes de seu talento, produzindo uma nova edificação, tão elegante e harmoniosa, de irrepreencivel correcção, em estilo moderno, mas em que a individualidade do arquiteto se manifesta, especialmente na propriedade e graça dos motivos decorativos, como bem se pôde ver das gravuras que acompanham estas linhas, reproduzidas de magnificas fotografias do sr. Manoel Palhoto, agente do Banco, em Coimbra, e distinctissimo fotografo amator.

O novo edificio tem a vastidão necessaria para o fim a que se destina, compreendendo rez-do-chão e andar nobre, utilizando a diferença de nivel do terreno em que se acha construido, para o estabelecimento das casas fortes, corpo da guarda, armazens, etc.

As casas fortes são vastas e construidas solidamente de beton couraçado de ferro e com por-

tas á prova de fogo, da Fabrica Portugal, de Lisboa. Algumas destas casas, destinam-se a deposito de valores que o publico ali queira guardar com toda a segurança, garantida a conservação dos objectos por meio de ventilação mecânica.

O aquecimento do edificio é pelo sistema francês da casa Felix Labat. A instalação da luz eléctrica é da casa Hermann, de Lisboa.

Os serviços principaes da Agencia em contacto com o publico estão instalados no rez-do-chão, num espaçoso hall cuja cobertura metalica é envidraçada por lindos vitraes executados pelo sr. Claudio Martins, hab.lissimo artista nesta especialidade.

Este hall é precedido de amplo vestibulo com varios gabinetes para receber o publico. O portão de ferro que dá entrada para o vestibulo é um belo trabalho artistico do sr. Conceição.

No andar nobre estão instalados os serviços da Caixa Economica, uma delegação da Repartição de Finanças de Coimbra, que poupa ao publico o ir á repartição do Estado que se encontra no edificio do Governo Civil, situado no alto da cidade.

As decorações do exterior do edificio foram executadas pelos srs. Francisco dos Santos e filho, constituindo magnificos trabalhos em pedra, como melhor não se fazem no país.

E' finalmente um belo edificio moderno que hoje conta a cidade de Coimbra, e que honra bastante a direcção do primeiro estabelecimento bancario do país, e não menos o illustre architecto, sr. Adães Bermudes, de quem publicamos o retrato com as nossas felicitações por mais esta sua bela obra.



## Um novo tradutor de Camões

«Les Sonnets»

Por F. d'Azevedo

O amador de Natércia é um dos mais traduzidos poetas do mundo. No todo ou em parte da sua obra, quasi todos os idiomas europeus o contam, muitos mesmo mais que uma vez. Não lhe faltam edições poliglótas, nem de linguas extintas, como o latim. Mas é sobretudo em francês que se conta maior número de versões, célebres algumas delas, como a de La Harpe e a de Fournier, revistas e anotadas pelo lusófilo Ferdinand Denis.

O sr. F. d'Azevedo, que já se abalançou a transferir os *Luíadas* para a elegante linguagem de Além-Pireneus, versão que infelizmente não li, meteu agora foice aos *Sonetos*, e deu-nos deles uma tradução nova em edição simples e sólida da Livraria Ferreira, capa amarela e tipo elzevir a dar-lhe um sabor ainda mais francês.

E é o caso que o sr. d'Azevedo, que como poeta original é o menos poeta possível, em que peze ao seu amor próprio literário, muda de figura como tradutor, e dá-nos uns *Sonetos* que podem hombrar sem desaire co'as melhores versões que participam da bibliografia camoniana.

Não é pois o caso de se repetir agora que «poetas por poetas sejam traduzidos». O sr. Azevedo não é poeta, ou é o pela contagem das sílabas, na frase chistosa de Camillo; isto a avaliar pelo que eu conheço das suas metrificações. Mas é um bom tradutor, que não só não atraiçoa o original — *traduttore, traditore!* — mas ainda alcança conservar á sua tradução o brilho, a simplicidade, a amorosa melancolia, mixto de alvo-roço e de saudade, que são a nota pessoal, subjectiva, do lírico imorredoiro dos *Sonetos*.

«Puisse la présente version, diz o sr. F. d'Azevedo no seu *Avant-propos* — donner au lecteur une faible idée de tout ce qu'y contient l'original, et nous espérons que l'on nous pardonnera notre audace, en tenant compte des immenses difficultés, insurmontables, bien des fois insolubles, lorsqu'on entreprend pareille tâche!»

Acredito sem reservas. As dificuldades com que tem a enfrentar um tradutor de Camões são, em boa verdade, quasi insuperaveis. De tantos que o verteram, escassos hoje nos satisfazem. Eu proprio julgo Camões intraduzivel. Camões como Shakespeare, como Anthero, como quantos, emfim, escreveram em versos que são casquinadas de loucura ou gemidos de dor, a agitada tragédia do coração. Traduzimos os gregos, que foram

serenos na sua arte e nas suas paixões, traduzimos os latinos, e o seu objectivismo friamente conduzido e ataviado. São tambem de facil versão os seis e setecentistas, dulcerosos, enfáticos, arrebicados, contorcidos. Mesmo entre os românticos, entre os parnasianos, raros são os que apresentam dificuldades impreenchiveis. Apenas um que outro arcaísmo nos antigos, ou regionalismo nos modernos, uma que outra locução mais adstrita á índole da linguagem, obrigarão a morder o beijo algum tradutor mais consciencioso. De resto, os outros poetas, difficilmente os desterrámos da lingua em que amaram e sofreram para outra que lhes foi estranha.

Tanto mais mérito tem para nós, neste caso, o livro do sr. Azevedo. Erguem no aquelas 300 páginas á linha dos bons tradutores de Camões. Se lhe disserem que é mau, ria-se dos parvos que lho dizem, e que não fazem, porque não podem nem sabem, melhor nem pior. A não fazer obra nova com mármore que outro alvenel quebrou, difficil será traduzir melhor.

A linguagem é limada, deslisa o verso harmonioso, ondulante o boleio da expressão; e sobre tudo isto, o sr. Azevedo tem pela obra de Camões a bastante admiração e respeito, e viveu em França o suficiente espaço para escrever e falar o francês com a fluência, a propriedade e a pureza do nativo, e para, servido por esse conhecimento, trasladar Camões com probidade á lingua em que Victor Hugo poetou.

M. CARDOSO MARTHA.



## Folheando a historia

(Continuado do numero antecedente)

Simbolisam a *materia*, conjunto de elementos que formam e organisam, o *espírito* agente que anima e movimenta, o *tempo*, causa que arruina e destróe, ou ainda a *terra* que produz, a *agua* que vivifica, o *fogo* que pulveriza.

Foi Brama, nascido de um ovo de ouro, produzido pelo movimento das aguas que, depois de formar a terra, organisou a sociedade, dividindo-a em quatro classes ou castas, extraidas de si proprio.

Da cabeça, tirou os brâmines (sacerdotes e letrados); dos braços, os guerreiros (principes e rajás); do ventre, os comerciantes (banqueiros e proprietarios); dos pés, os escravos (operarios e industriais).

Estas quatro castas são hereditarias, deverão manter-se inalteraveis na sua pureza.

Se, por ventura, ligação se faz entre individuos de classe diferente, o anátima divino cá inexoravel sobre os delinquentes e sua descendencia que serão os *párias*, verdadeiros réprobos, de quem se foge como da peste, condenados a eterno opróbrio, vivendo errantes nos campos, disputando o alimento ás feras, não podendo entrar nas cidades nem banhar-se nas aguas do Ganges, o rio sagrado.

Representa-se Brama com quatro mãos que sustentam os elementos dos antigos e quatro cabeças mitradas de cujas bocas saem os *Védas*, livros sagrados como o Evangelho para o cristão, o Talmud para o judeu e o Alcorão para o maometano.

Esses livros, denominados *Rig, Yadjur, Sama e Atarrvana*, contêm a lei religiosa, o ritual, hinos e preces. Foram coligidos e coordenados catôrze seculos, antes de Cristo, por um poeta e filósofo, o celebre Viasa, que os escreveu em olas, no diioma sânscrito.

Por uma particularidade digna de nota, Brama não tem templo ou pagode especial. Talvez que o indio, repassado pela mais alta ideia da divindade bramânica, a considere, pelo seu character primordial, superior a qualquer glorificação de santuario por mais imponente que este seja; se não é, antes, a primitiva e eterna ingratição do homem que, uma vez criado, mais nada espera do seu criador e se desentranha, de preferencia, em homenagens a Visnú para que o conserve e a Siva para que, só tarde e bem tarde, o destrúa.

Visnú, o deus mais venerado, é belo como o sol e azul como o ceu. O seu aspecto é nobre e afavel, ornam-lhe a cabeça três tranças que significam os três maiores rios da India. Voa pelo espaço, até a mansão celeste, montado numa aguia, a ave soberana. Levado do maior amor pela humanidade, transforma-se, sempre, com o nobre fim de a defender dos perigos.

Assim, é peixe, para salvar, dos mares, um príncipe de raça, ou os livros da lei; tartaruga, para sustentar, na rija concha, a esfera terrestre; javali, para levantar, num dos dentes, o globo que se tinha submergido; leão, para dilacerar o gigante inimigo e perseguidor dos deuses; pastor, de cajado temível e pedra certeira, para defender o rebanho querido.

Por tais provas de dedicação e affecto, benemerencias do mais alto preço, quem não ha de prestar o mais fervoroso culto a esse deus tão amigo da humanidade?

Siva, enfim é a representação da morte. Fúnebre e tétrico, pavoroso e sinistro, a todo o momento, se receia o seu golpe fatal. Figuram-no com muitas mãos, todas armadas de instrumentos de destruição. Enfeita-se com um collar de caveiras e cinge-se de serpentes. Assim como representa a finalidade, tambem é a encarnação da justiça e da purificação, por isso a sua côr é branca e monta um touro branco tambem.

E' Siva muito venerado em toda a India, principalmente, pelo povo que, talvez, na sua ignorancia, melhor o compreende pela missão mais real e positiva de que este deus se incumbem. Criação e conservação são ideias mais abstractas, menos sensiveis, revestem um character de mais finura filosofica. Ao passo que a destruição impõe-se brutal em toda a sua verdade. Vê-se e sente-se a todos os momentos. Qual será, pois, o espirito, por menos perspicaz que seja, que a não conheça?

Como o arabe, o indio é fatalista. Crê firmemente que o nascimento marca o destino o que, de resto, bem se depreende do regimen das castas: o mesmo *modus-vivendi* do progenitor. Ocioso será dizer que tal filosofia absurda e contraria á liberdade humana tem, na base, a sua ruina e foi a principal causa da condenação da doutrina bramânica.

Outro dogma menos revoltante que o fatalismo ou predestinação mas, por igual, inadmissivel e mesmo ridiculo é o da metempsicose ou transmigração das almas, tambem, seguido na Grecia e no Egipto.

Depois da morte, a alma humana é submetida a um julgamento e, segundo a gravidade das suas culpas, é senten-

ciada a animar outros corpos até a completa expiação, podendo, em novo estado de pureza, ir animar outro homem ou residir perpetuamente em algum corpo celeste.

Como qualquer animal do mais distinto ao mais vil, pôde abrigar em si a alma transmigrante, o índio respeita todos os animais com vivas demonstrações de estima, sendo mais fácil desprezar e maltratar o seu semelhante que fazer leve dano ao mais repugnante reptil ou ao mais nojento insecto.

(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.



### O cruzador português «Adamastor»

Telegramas do dia 12, enviados de Londres deram noticia de ter encalhado nuns rochedos, proximo da ilha de Dumbell, o cruzador *Adamastor*, que de Macau seguia para Lisboa, por ordem do governo, que o mandou regressar com urgencia para tomar parte numa divisão naval, que em julho deverá sahir do Tejo.

Sabida a noticia em Hong Kong, pela telegrafia sem fios, foi dali enviado em socorro o contra-torpedeiro *Otter* e rebocador *Atlas*, ambos ingleses, seguindo, de Macau, a canhoneira *Patria*, que conseguiu recolher a bordo a guarnição do *Adamastor*, assim como boa parte de munições.



ARCEB'SPO DE BRAGA D. MANOEL BAPTISTA DA CUNHA

Por telegramas recebidos depois, do comandante deste navio, sr. Anibal Sousa Dias, participam que o *Adamastor* está em via de se salvar, tendo-se conseguido tapar o rombo que sofreu e esgotar a agua dos compartimentos.

Oxalá que se salve este navio que está ligado á historia da Republica Portuguesa e que foi feito com o produto da Subscrição Nacional de 1890.



### NECROLOGIA

D. Manoel Baptista da Cunha, Arcebispo de Braga

Com setenta anos de idade faleceu, no dia 13

do corrente, em Vila do Conde, para onde fóra ha dois anos desterado, o Arcebispo de Braga, D. Manoel Baptista da Cunha. Vitimou-o em poucas horas uma congestão cerebral.

Era uma das figuras mais superiores do episcopado português, o Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, D. Manoel Baptista da Cunha, tanto por seu caracter como por seu saber. Nascido em Paradelá, concelho de Agueda, a 16 de abril de 1843, doutorou-se em Direito e Teologia na Universidade de Coimbra e, em 1871, foi reger o curso ecclesiastico do seminario de Aveiro, sendo tambem proposto Vigario Geral substituto, e, em 1880, nomeado efetivo e transferido para Pinhel, lugar que não aceitou continuando a exercer o magisterio naquelle seminario.

Em 30 de janeiro de 1888 foi nomeado Vigario Geral do Patriarcado de Lisboa, sendo preconizado em 1 de julho do mesmo ano, pela Santa Sé, Arcebispo de Mitylene.

No desempenho da sua alta vigaria, D. Manoel da Cunha soube conquistar o respeito e o amor do seu rebanho, principalmente dos humildes e pobres, a quem procurou sempre socorrer com a caridade evangelica de um verdadeiro pastor de Jesus Cristo.

A pratica das virtudes e a competencia de seu saber, indicaram-o para mais elevada missão da Igreja Lusitana, e, assim, foi eleito para o Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, em 1899, por falecimento do Arcebispo D. Antonio José de Freitas Honorato.

O povo de Braga recebeu-o carinhosamente e até com alvoroço, pois sabia das raras virtudes que ornavam o seu novo prelado, o qual nunca as desmereceu e antes mais estimado se tornou.

O seu desterro para Vila do Conde foi ordenado pelo governo da Republica, por motivo de ter assinado a circular colectiva dos Bispos aos parocos das suas dioceses, quando da lei da Separação das Igrejas do Estado.



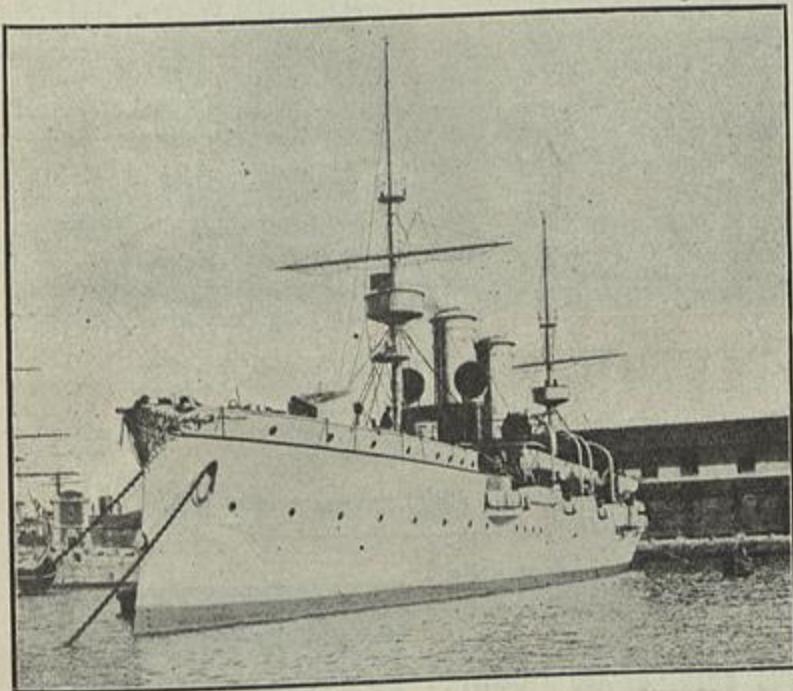
### Aos srs. assinantes e anunciantes

Em cumprimento do que prometemos em o n.º 1231 desta revista, distribuimos com este numero aos srs. assinantes e anunciantes um dos brindes a que então nos referimos.

E' uma fina comedia propria para sala, «Um quarto alugado a dois», com que nos presentou, para este fim, o sr. Francisco Serra, antigo e distintissimo escritor dramatico, amigo da nossa empresa e colaborador do «Occidente».

Esta comedia foi representada, ainda não ha muito, no teatro do Ginasio com aplauso do publico, tendo o principal papel a actriz Judit de Mello.

Este brinde é unicamente destinado aos srs. assinantes que se acham inscritos como tal, ou que venham a inscrever-se por este ano, e aos srs. anunciantes.



O CRUZADOR PORTUGUÊS «ADAMASTOR» QUE ENCALHOU NUNS ROCHEDOS DA ILHA DUMBELL

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.<sup>ª</sup>

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromoypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



A. COUTO  
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos ingleses desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

# CARNES DA COMPANHIA INGLEZA

Todas as boas donas de casa devem dar preferencia ás magnificas carnes da **Companhia Inglesa**, superior a todas as outras do mercado, sendo o gado apartado com todo o esmero e engorda feita expressamente em colonias especiaes. — A fiscalisação do abatimento das rezes e conservaço das carnes é feita nas mesmas condiçoes em que o são as carnes consumidas em toda a Inglaterra.

NÃO CONFUNDIR



NÃO CONFUNDIR

A CARNE ARGENTINA d'esta COMPANHIA superior a qualquer outra, é vendida ao publico mais barata do que qualquer outra pelos seguintes preços:

Prego do peito	} Kg. 180 réis
Abas	
Cachaço	
Chã-bã	
Peito alto	} 260
Pá	
Assem	
Chã de fóra	} 300
Rabadilha	
Ganço	
Vasio	
Roas-beaf Alcatra	

Delicadesa do pessoal

Boa qualidade da carne

Exatidão no peso

As carnes da Argentina d'esta Companhia, impõe-se pela sua qualidade extra e SÓ se vendem nos talhos pintados a BRANCO E VERMELHO com o emblema registado e representado n'este annuncio.

## Loja Sol

V.ª SILVA SOUZA & C.ª

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

Canalisações

PARA

água, gaz  
e esgotos

INSTALLAÇÕES  
ELECTRICAS

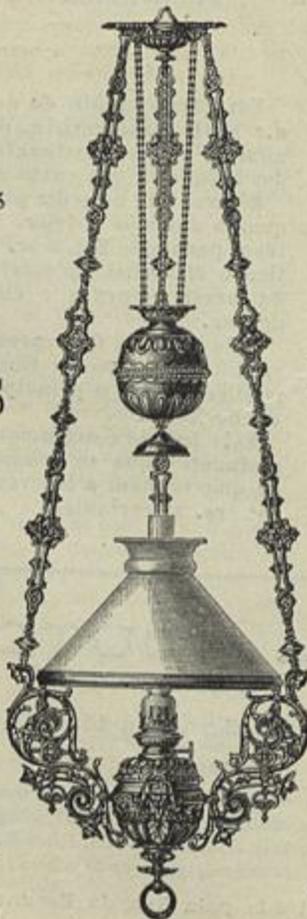
FOGÕES  
a gaz e a petroleo

ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL



TUBOS  
de chumbo e de borracha

LOUÇA  
de ferro esmaltado

RETRETES, TINAS  
E LAVATORIOS

Esquentadores  
a gaz  
e a gazolina

Variado sortimento  
de  
candieiros de gaz  
e suspensões

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca  
Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação  
dos volumes do «OCCI-  
DENTE»

Em percalina com letras a ouro,  
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,  
eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis  
Capa e encadernação 1\$200

**PARA LEVANTAR  
OU CONSERVAR  
AS FORÇAS**

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A venda nas pharmacias.